

TEM CIENTISTA NO INTERIOR DO AMAZONAS: CIÊNCIA NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

THERE ARE SCIENTISTS IN THE INTERIOR OF THE AMAZONAS STATE: SCIENCE IN COMIC STORIES

Bianca Darski-Silva*

RESUMO

Este artigo trata de um relato de experiência de criação e aplicação de materiais de divulgação científica focados na Amazônia. Apresento esta experiência em três partes: Criação de artigo de divulgação científica; Criação de história em quadrinhos baseada em artigo de divulgação científica; Aplicação de material de história em quadrinhos em oficinas voltadas para o público infanto-juvenil. O tema destes materiais e das oficinas foram uma pesquisa científica realizada sobre aves que habitam as várzeas amazônicas. No artigo de divulgação científica, foi dado destaque para a simplificação de termos técnicos e objetivos da pesquisa. Na história em quadrinhos, o foco foi a representação de personagens, paisagem e contexto social. Nas oficinas, o foco foi a prática de cientistas em campo e os equipamentos utilizados, como binóculos. Os materiais foram criados com o propósito de popularizar a ciência sobre a temática amazônica. No contexto escolar, estes materiais, aplicados em oficinas com crianças e adolescentes, contribuem para o pensamento crítico sobre ciência e também para o aumento da representatividade da Amazônia no currículo escolar.

Palavras-chave: Aves. Popularização da ciência. Várzea amazônica.

ABSTRACT

This article is an experience report on the creation and application of scientific dissemination materials focused on the Amazon. I present this experience in three parts: Creation of a scientific dissemination article; Creation of a comic story based on a scientific dissemination article; Application of comic story material in workshops targeting children and young people. The main topic of these materials and workshops was scientific research carried out on birds that inhabit the Amazon floodplains. In the scientific dissemination article, emphasis was placed on simplifying technical terms and research objectives. In the comic story, the focus was on the representation of characters, landscape and social context. In the workshops, the focus was on the practice of scientists in the field and the equipment used, such as binoculars. The materials were created with the purpose of promoting science outreach activities on Amazon topics. In the school context, these materials, applied in workshops with children and teenagers, contribute to critical thinking about science and also to increasing the representation of Amazonia in the school curriculum.

Keywords: Birds. Science popularization. Amazon floodplain.

* Doutora em Ecologia, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Núcleo de Popularização da Ciência, Tecnologia e Inovação, Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: biadarski@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9714-3662>. Rede Conexões Amazônicas.



1 INTRODUÇÃO

A ciência permeia inúmeras temáticas da vida das pessoas, desde as mais basais, como a qualidade da água que bebemos, às mais complexas, como a crise climática. A falta de interesse ou desconfiança da população sobre ciência tem o potencial de gerar consequências perigosas para a humanidade.

A pandemia de covid-19 é um dos exemplos mais marcantes da história recente que evidenciou, em escala global, como a opinião pública sobre o papel da ciência na sociedade pode levar ao sucesso ou fracasso de ações coletivas de saúde pública (Moraes, 2022; Oliveira; Chaves, 2023). No mundo, entre os anos de 2020 e 2023, mais de 7 milhões de pessoas morreram em decorrência da covid-19 (World Health Organization, 2023). Para além de inúmeras dificuldades científicas, sociais, econômicas e políticas, a infodemia e a desinformação tiveram papéis importantes no agravamento da propagação do vírus da covid-19 (Freire *et al.*, 2021).

Essa desconexão que muitas vezes identificamos entre ciência e sociedade, e suas consequências, entretanto, dá força para o crescimento da área de divulgação científica. No Brasil, notou-se um aumento da confiança da população na ciência após a pandemia de covid-19, mas ainda com muitos desafios, como, por exemplo, a desigualdade no acesso ao conhecimento (INCT-CPCT, 2022; Pontes, 2023; CGEE, 2024).

Uma pesquisa recente indicou que jovens brasileiros possuem alto interesse em ciência e tecnologia, e que jovens da região Norte do Brasil têm mais interesse em comparação com jovens de outras regiões (INCT-CPCT, 2024). No entanto, estes mesmos jovens, por diferentes motivos, têm baixa participação em atividades científico-culturais (INCT-CPCT, 2024). Jovens da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste relataram que o principal motivo por não terem visitado espaços de ciência, como museus, é a ausência destes espaços em suas regiões (INCT-CPCT, 2024). A falta destes espaços não formais de educação, bem como de eventos científicos e de popularização da ciência, é ainda mais expressiva quando se trata de cidades distantes das capitais na Amazônia brasileira.

Quando se trata de espaços formais de educação, os quais são fundamentais para a formação de cidadãos bem informados e com pensamento crítico, a representatividade da

região amazônica é, de modo geral, um alvo de críticas entre educadores (Cavalcanti, 2020). Nascimento e Bastos (2023, p. 10), apontam que:

[...] as Amazônia(s) compõem um imenso mosaico, rico em diversidades culturais, sociais, políticas e econômicas e que se constitui de forma muito mais abrangente e complexa do que está exposto no currículo escolar. Existem muitos saberes que precisam ser apropriados pelo currículo escolar e assim romper com estereótipos, preencher lacunas e superar o silenciamento de identidades.

Do mesmo modo, é importante incluir as particularidades da região amazônica, as referidas Amazônia(s), em ações de popularização da ciência em espaços não formais de educação. Neste sentido, este artigo tem como objetivo relatar a experiência da criação e aplicação de materiais de divulgação científica focados na Amazônia. Para tanto, apresento as três partes que compuseram essa experiência: I) Criação de artigo de divulgação científica; II) Criação de história em quadrinhos baseada em artigo de divulgação científica; III) Aplicação de material de história em quadrinhos em atividade voltada para o público infanto-juvenil no interior do estado do Amazonas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir apresento uma sequência construída a partir da prática de comunicação da ciência, sem necessariamente seguir um método didático explícito. Estes passos foram dados e adaptados de acordo com a experiência que tive em atividades de campo, com pessoas de diferentes idades, no decorrer de minha trajetória como bióloga, cientista, conferencista, educadora ambiental e divulgadora científica.

No ano de 2011, tive a oportunidade de participar de um projeto cujo objetivo era estudar diferentes aspectos (biológicos e físicos) da planície de inundação do Rio Madeira, entre Porto Velho (RO) até a foz do Rio Madeira (estado do Amazonas). As planícies de inundação são chamadas também de várzeas e são as áreas que ficam periodicamente alagadas pela água dos rios. A partir deste projeto, desenvolvi a minha dissertação de mestrado sobre o tema de ecologia das aves de várzea, entre os anos de 2012 e 2014, no Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, em convênio com a Universidade Federal do Pará. Os demais



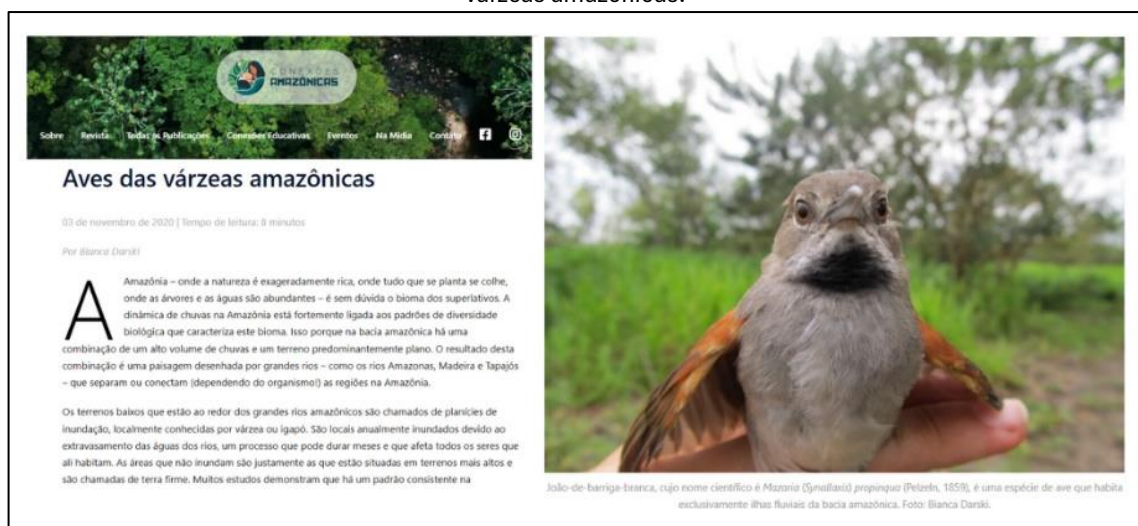
tópicos deste relato de experiência são desdobramentos desta pesquisa que desenvolvi sobre as aves das várzeas amazônicas (documento completo em Silva, 2014).

3 CRIAÇÃO DE ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Em novembro de 2019, fiz parte da organização de um evento de divulgação científica chamado “Conexões Amazônicas – UFRGS”, realizado na cidade de Porto Alegre (RS). Este evento reuniu diversas pessoas interessadas em ciência na temática amazônica, o que deu início à atual [Rede Conexões Amazônicas](#). A Rede iniciou seus trabalhos de divulgação científica em um contexto específico: os incêndios que assolaram a Amazônia em 2019. O intuito era de sensibilizar para o fato de que a Amazônia, um bioma mundialmente conhecido pela sua sociobiodiversidade, estava em chamas e carecia da devida atenção política para que fosse efetivamente protegida (Alencar *et al.*, 2020).

Com o intuito de ampliar o alcance do que foi divulgado e discutido no referido evento, a Rede Conexões Amazônicas passou a publicar artigos sobre ciência na Amazônia em uma linguagem acessível para o público não acadêmico. A proposta era desafiar cientistas a escreverem artigos de divulgação científica (aqui abreviado como artigo de DC). Desse modo, publiquei, em dezembro de 2020, o artigo intitulado “Aves das várzeas amazônicas” (Figura 1). Este artigo foi o primeiro de uma sequência de artigos de DC publicados pela Rede Conexões Amazônicas em seu Blog.

Figura 1: Artigo de divulgação científica publicado pela Rede Conexões Amazônicas sobre as várzeas de várzeas amazônicas.



Fonte: Darski, 2020.

No processo de escrita do artigo de DC, o primeiro passo foi realizar a seleção do conteúdo. Não seria possível falar sobre os resultados da pesquisa sem explicar os termos técnicos que são, de modo geral, corriqueiros entre pesquisadores, mas não necessariamente para o público em geral. A cada frase escrita, perguntava-me se eu mesma entenderia aquele texto enquanto estava cursando o ensino médio. Após muitos passos para trás, decidi excluir diversos resultados da pesquisa e me detive em descrever conceitos fundamentais para que aquele artigo fizesse sentido para quem não vive no mundo acadêmico. E não só o mundo acadêmico em geral, mas especificamente sobre o contexto amazônico. Exemplos desses conceitos são: planície de inundação, pulso de inundação, várzea, terra firme, igapó, água branca, água clara e água preta.

Os terrenos baixos que estão ao redor dos grandes rios amazônicos são chamados de planícies de inundação, localmente conhecidas por várzea ou igapó. São locais anualmente inundados devido ao extravasamento das águas dos rios, um processo que pode durar meses e que afeta todos os seres que ali habitam. As áreas que não inundam são justamente as que estão situadas em terrenos mais altos e são chamadas de terra firme (Darski, 2020).

Após a explicação sobre os conceitos técnicos básicos, o foco foi apresentar o motivo pelo qual aquela pesquisa foi realizada. Afinal, por que estudar a ecologia de aves das várzeas? E por que nas várzeas do Rio Madeira? Ao fim destas explicações, o texto do artigo já ultrapassava o limite de caracteres sugerido para blogs. Para reduzir o tamanho do texto, utilizei *hiperlinks* que levavam a sites com mais informações sobre termos complexos, como “áreas de endemismos”, por exemplo. Os *hiperlinks*, neste contexto, são fundamentais para que o público tenha acesso também à fonte do conteúdo que foi escrito no artigo de DC, além de materiais complementares.

As áreas entre os grandes rios amazônicos são chamadas de interflúvios e nestes locais há uma concentração de espécies endêmicas, ou seja, espécies que somente são encontradas nestas áreas ([veja mais sobre áreas de endemismo aqui](#)). Pouco se sabe, no entanto, sobre o padrão de distribuição de espécies de aves que habitam os ambientes de várzea ou igapó, um tema que tem recebido mais atenção de pesquisadores(as) na área de ecologia, zoologia e genética na última década (Darski, 2020).



Não considero que obtive sucesso em simplificar as motivações e os resultados da pesquisa sobre aves das várzeas do Rio Madeira no artigo de DC. No entanto, a explicação de conceitos básicos sobre o ecossistema de planície de inundação foi um aprendizado importante no processo de escrita. Se logo no início de um texto ou palestra, o público se deparar com conceitos estranhos a ele, dificilmente a atenção será mantida, mesmo que os resultados apresentados sejam incríveis. Durante a escrita, fiz alguns testes apresentando o texto para diferentes pessoas e perguntando a opinião delas sobre o conteúdo. A principal lição que tive nesse processo de escrita foi de não subestimar o distanciamento que os jargões científicos causam no público (inclusive um público acadêmico), em especial quando o objetivo é sensibilizar através da comunicação.

4 CRIAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Após uma série de artigos de divulgação científica serem publicados pela Rede Conexões Amazônicas, alguns destes artigos foram adaptados para o formato de história em quadrinhos. Nos anos de 2022 e 2023, a Rede Conexões Amazônicas em parceria com o Instituto Mamirauá e demais parceiros, adaptou dez artigos de divulgação científica para o formato de histórias em quadrinhos (HQs). As HQs compuseram o Almanaque intitulado “Tem Cientista Aqui!”. Em 2022 foi lançado o Almanaque volume 1, com seis histórias, e em 2023 foi lançado o volume 2, com quatro histórias (Figura 2).

Figura 2: Capa do Almanaque “Tem Cientista Aqui!”, volume 1 (à esquerda) e volume 2 (à direita).



Fonte: Ilustração de Noberto Tavares Ferreira.

Dentre os artigos de DC que foram adaptados para o formato de história em quadrinhos, está o artigo “Aves das várzeas amazônicas”. Esta HQ foi publicada no volume 2 do Almanaque “Tem Cientista Aqui!” e tem como autoras também Andreia Corazzini e Ana Carolina Chiodi. No processo de criação do roteiro da HQ, buscamos as práticas corriqueiras que cientistas têm em campo: a chegada na comunidade ribeirinha, a explicação sobre o que gostariam de fazer lá, o pedido de autorização e de ajuda para se deslocarem naquele território.

Novamente o desafio foi traduzir, agora de forma lúdica, como era o ecossistema de várzea e o que foi encontrado como resultado da pesquisa. A decisão foi focar na imensa diversidade de aves que foram registradas em campo e também na principal característica da várzea: a subida e descida da água do rio. Para isso, busquei fotos das atividades em campo e selecionei as espécies de aves mais icônicas dentre as mais de 400 espécies de aves registradas. Para diversificar as ilustrações e fazer jus à riqueza presente nas várzeas, focamos na representação dos diversos habitat e das espécies de aves que compõem as várzeas. Desse modo, pedimos ao ilustrador que retratasse o rio, os lagos, a floresta alagável, as áreas abertas, áreas de praia, de ilhas no meio do rio e os instrumentos de pesquisa, como binóculos (Figura 3 e 4).

Figura 3: Superior: Imagens da atividade de pesquisa realizada no Rio Madeira. Inferior: História em quadrinhos com os elementos das fotos. Ilustração de Norberto Ferreira Tavares.



Fonte: Fotos de Bianca Darski-Silva.



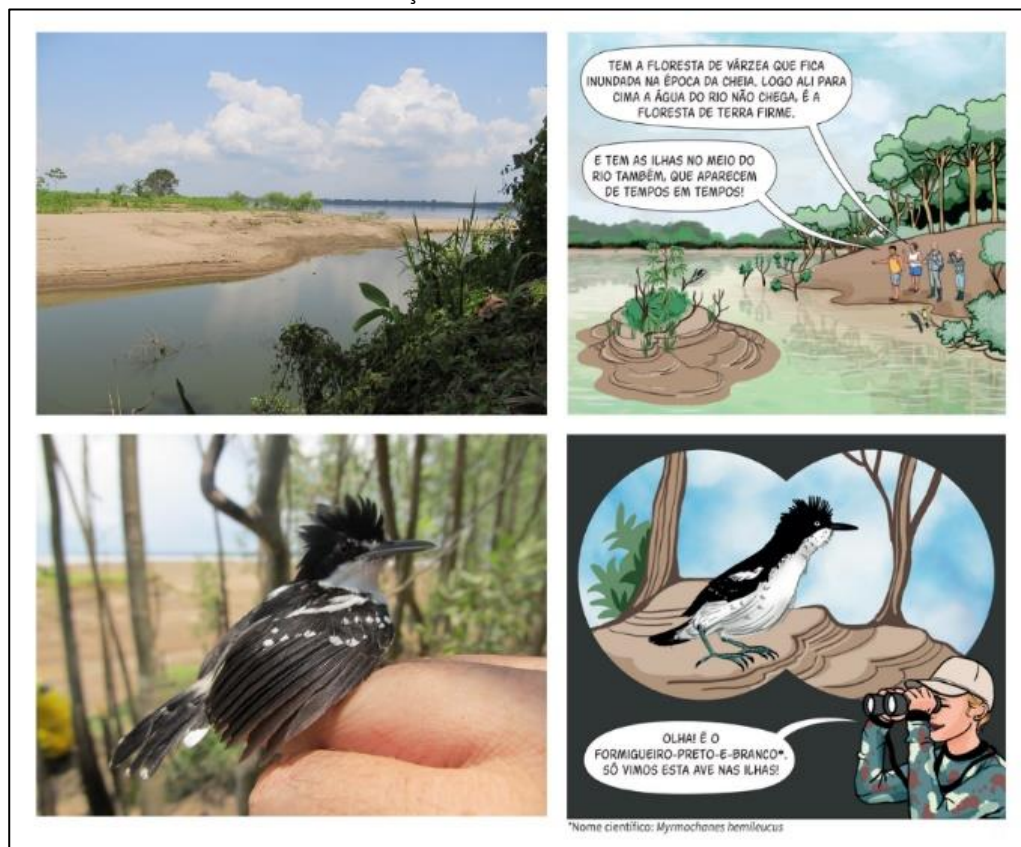
Figura 4: À esquerda: Imagem da floresta de várzea e de um indivíduo de mãe-de-taoca (*Phlegopsis nigromaculata*). Inferior: História em quadrinhos com os elementos das fotos. Ilustração de Norberto Ferreira Tavares.



Fonte: Fotos de Bianca Darski-Silva.

Um destaque presente tanto no artigo de divulgação científica, como na história em quadrinhos, são as aves que habitam as ilhas fluviais. Em especial, retratamos uma espécie que é especializada neste tipo de ambiente, o formigueiro-preto-e-branco, cujo nome científico é *Myrmochanes hemileucus* (Figura 5). Este destaque teve o objetivo de reforçar a mensagem de que a diversidade de espécies de aves na várzea está intrinsecamente conectada com a dinâmica de seca e cheia do rio. Além disso, foi uma forma de introduzir uma questão urgente na área de conservação de ambientes alagáveis: determinadas espécies, não somente de aves, são mais vulneráveis a perderem seu habitat, sobretudo em um contexto de construção de barragens, mineração e eventos extremos de seca e cheia. É o caso destas aves que vivem preferencialmente em ilhas fluviais.

Figura 5: À esquerda, ambiente de ilha fluvial no Rio Madeira e um indivíduo de formigueiro-preto-e-branco (*Myrmochanes hemileucus*) capturado neste ambiente. À direita, história em quadrinhos com os elementos das fotos. Ilustração de Norberto Tavares Ferreira.



Fonte: Foto de Bianca Darski-Silva.

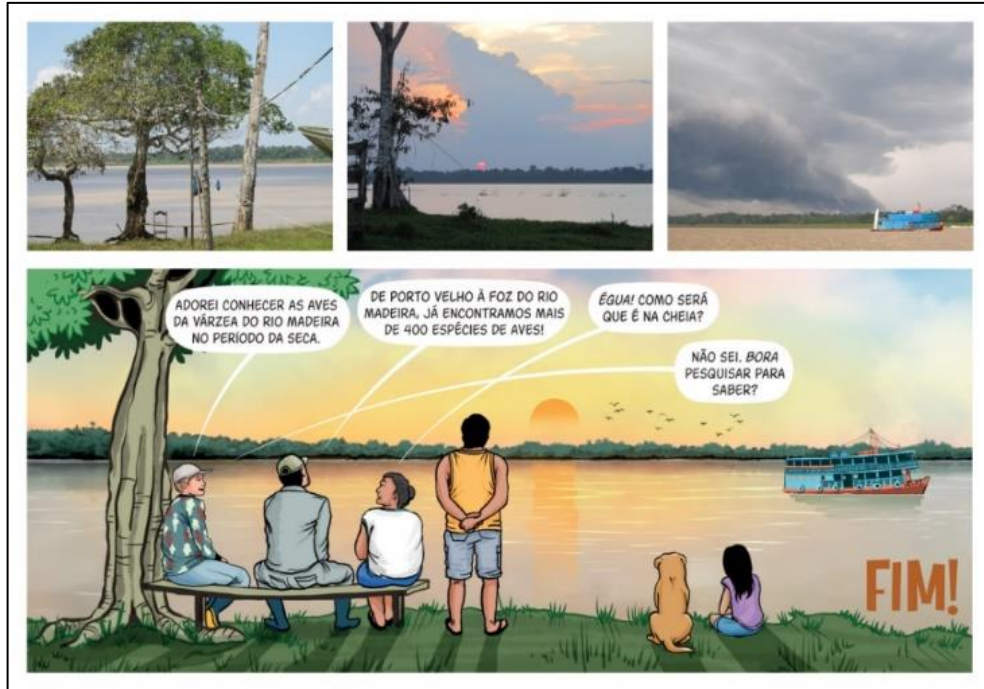
A mensagem de fechamento da história em quadrinhos sobre as aves de várzeas amazônicas foi a sazonalidade característica desse ambiente. Com tamanha diversidade de espécies de aves nas várzeas, há também diversos tipos de comportamentos. No ambiente de várzea, pouco se sabe para onde vão as aves de hábito terrestre quando a água do rio sobe. Das espécies de aves consideradas como terrestres, algumas podem simplesmente subir para estratos mais altos da floresta e, assim, fugir da água (Rowedder *et al.*, 2021). Outras espécies podem se deslocar para áreas que não inundam, como as florestas de terra firme, e depois retornar para a várzea quando a água do rio baixar. Desse modo, não podemos afirmar que as espécies de aves registradas durante o período de seca seriam as mesmas encontradas se retornássemos no período de cheia.

Considerando essa lacuna de informações, o encerramento da história em quadrinhos é uma forma de chamar a atenção sobre o pouco conhecimento que temos sobre o comportamento das espécies de aves que habitam as várzeas. Por este motivo, a história



encerra com a pergunta: Como será na cheia? Quais são as espécies que habitam as várzeas do Rio Madeira na cheia? (Figura 6).

Figura 6: Superior: Imagens da paisagem de várzea do Rio Madeira. Inferior: Último quadro da história em quadrinhos “Aves das várzeas amazônicas”. Ilustração de Norberto Tavares Ferreira.



Fonte: Fotos de Bianca Darski-Silva.

5 APLICAÇÃO DO MATERIAL COM O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

A proposta do título do Almanaque “Tem Cientista Aqui!” foi conectar com a ideia de que o(a) cientista retratado(a) na história em quadrinho teria a oportunidade de explicar a sua pesquisa em atividades lúdicas em áreas rurais do interior do Amazonas. Eu, como autora do artigo de divulgação científica e da história em quadrinhos, participei da atividade prática com crianças de três comunidades ribeirinhas no interior do estado do Amazonas.

A partir do contato com professores do ensino fundamental, organizamos uma atividade, cujo público-alvo eram estudantes, para distribuição e aplicação do volume 2 do Almanaque “Tem Cientista Aqui!”. Em novembro de 2023, nossa equipe interdisciplinar, composta majoritariamente por cientistas, realizou oficinas na comunidade Ingá e Sítio Fortaleza, ambas no município de Uarini, e na Aldeia Boará, município de Tefé, estado do Amazonas.

A oficina teve início com uma breve apresentação da equipe e do projeto, seguida pela divisão dos estudantes em grupos de acordo com a faixa etária. Em média, cada grupo era composto por dez crianças e cada grupo trabalhou com uma história em quadrinhos do almanaque.

O volume 2 do almanaque contém quatro histórias em quadrinhos: 1) Desvendando o mistério dos louva-deus da Amazônia; 2) Aves das várzeas amazônicas; 3) A água que bebemos no Médio Solimões; 4) A Amazônia das grandes cidades. Dada a complexidade dos temas, decidimos que o grupo que trabalharia a HQ das aves das várzeas seria composto pelas crianças mais novas. Nesse caso, a idade das crianças variou de dois a oito anos.

Nas oficinas, o grupo da HQ das aves foi conduzido por mim e pela pesquisadora especialista em aves, Anaís Prestes Rowedder. A primeira atividade em grupo foi a leitura da história em quadrinhos. Neste momento, apresentamos a paisagem, as espécies de aves e os instrumentos de trabalho para a pesquisa, como binóculos e um livro de guia de identificação espécies de aves. Após a leitura, reunimos o grupo para uma atividade de campo, ou seja, de levantamento de espécies de aves na comunidade. No campo, todas as aves avistadas e identificadas pelo grupo foram anotadas (Figura 7).

Figura 7: Oficinas realizadas em comunidades ribeirinhas no interior do estado Amazonas. Superior, à esquerda: Leitura da história em quadrinhos. Superior, à direita, e inferior: Atividade de observação de aves em campo.



Fonte: Fotos de Miguel Monteiro.



Após o campo, voltamos para o local onde iniciamos a atividade de leitura da HQ e desenhamos os resultados do levantamento de espécies de aves e a paisagem que observamos. Alguns estudantes se destacaram com incríveis representações das aves e da paisagem. Ao final, todos os grupos apresentaram os seus resultados e suas experiências e reflexões (Figura 8).

Figura 8: Oficinas realizadas em comunidades ribeirinhas no interior do estado Amazonas. Superior, à esquerda: desenho do resultado da observação de aves em campo. Superior, à direita, e inferior: participantes das oficinas.



Fonte: Fotos de Miguel Monteiro.

Cada participante da oficina recebeu um exemplar do Almanaque “Tem Cientista Aqui!”, volume 2. A equipe que desenvolveu e aplicou o material foi composta majoritariamente por cientistas. Desse modo, os participantes da oficina tiveram a oportunidade de trocar experiências e de conversar sobre ciência em um ambiente planejado para ser lúdico.

6 REFLEXÕES SOBRE A ATIVIDADE PRÁTICA

Professores e estudantes demonstraram familiaridade com as paisagens, pessoas, animais e plantas retratados nas histórias durante as oficinas. Os estudantes manifestaram grande curiosidade com os binóculos e com o guia de identificação de aves. Dado que as aves

são animais carismáticos, foi comum encontrar crianças, mesmo as mais novas, que sabiam o nome comum das espécies de aves que encontrávamos nas comunidades e também no guia de espécies.

O grupo com o qual trabalhamos na comunidade Sítio Fortaleza era composto por crianças com idade entre dois e quatro anos. Nesse caso, foi necessário simplificar e tornar mais prática a atividade, sobretudo na leitura da história. Fizemos adaptações no momento da leitura para não entediar a turma. Usamos perguntas como: Quem já viu essa ave? Alguém já andou em um barco assim? Como se chama essa ave aqui na comunidade? Este grupo foi surpreendentemente muito engajado nas atividades propostas.

Na comunidade Ingá, foi possível observar 30 espécies de aves na atividade de campo que durou cerca de 30 minutos. No campo, explicamos como usar o guia de espécies, como podemos identificar uma espécie de ave a partir do seu canto, ou do seu comportamento e do local onde a ave foi avistada. Alguns detalhes das aves foram relatados como algo surpreendente vistos pelas crianças usando os binóculos, como por exemplo a cor dos olhos e do bico de um gavião. Na Aldeia Boará, as crianças também demonstraram muito interesse pelos binóculos, em observar e desenhar com detalhes as aves, utilizando o guia de identificação de espécies.

Não foi possível trabalhar com os estudantes conteúdos aprofundados acerca de cada história em quadrinhos, pois a duração da atividade como um todo era de três a quatro horas. No intuito de reduzir essa lacuna, em anexo ao almanaque, entregamos aos professores cópias impressas do artigo de divulgação científica em que as histórias em quadrinhos foram inspiradas. Desse modo, os professores tiveram a opção de trabalhar com este material, caso assim desejassem.

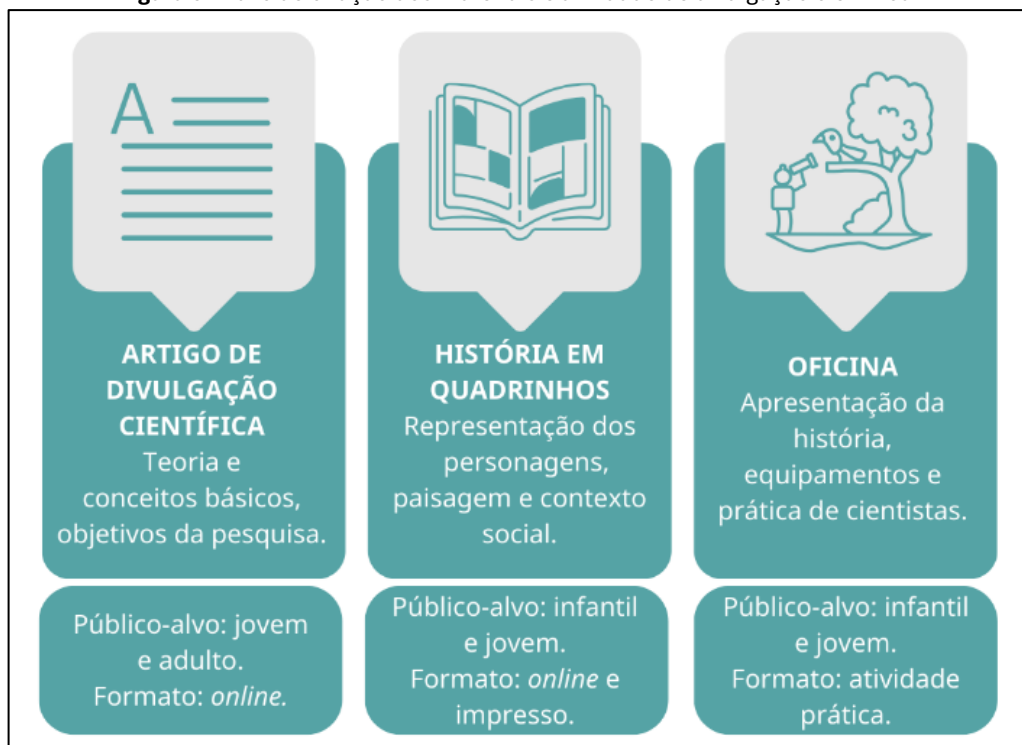
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do artigo de divulgação científica, para história em quadrinhos e para aplicação da oficina, muitas adaptações foram feitas, pois são públicos distintos e com recursos também distintos (Figura 9). No artigo, cujo formato de apresentação é *online*, foi fundamental a inclusão de *links* que levavam a uma explicação mais completa de termos complexos presentes no texto. Além disso, o artigo foi divulgado em redes sociais, o que permitiu o uso de recursos visuais, promovendo um maior alcance de público.



Para a história em quadrinhos, foi fundamental a pesquisa de imagens e dados para criação de um roteiro que fosse lúdico e representativo do ambiente das várzeas amazônicas. Com a experiência pedagógica das demais autoras do roteiro da história, buscamos representar o comportamento das aves por meio de diálogos baseados na história natural das espécies. Por exemplo, o comportamento agressivo do quero-quero (*Vanellus chilensis*), a chegada de uma ave migratória (maçarico-solitário, *Tringa solitária*) e o comportamento de seguidora de formigas-de-correição da mãe-de-taoca (*Phlegopsis nigromaculata*). Na oficina, a dinâmica foi focada em prender a atenção do público, sendo necessário ler, encenar, dramatizar e adaptar. Em campo, a atividade se desenvolveu de forma espontânea, pois as crianças conhecem os territórios.

Figura 9: Fluxo de criação dos materiais e atividade de divulgação científica.



Fonte: a autora.

O material utilizado como base das oficinas (Almanaque “Tem Cientista Aqui!”, volume 2) é composto por histórias que retrataram aspectos da biodiversidade, da saúde, do contexto social e econômico da Amazônia. São histórias que destacam a importância de se conhecer as espécies de insetos e de aves, de avaliar a qualidade da água que bebemos e do crescimento das grandes cidades amazônicas. O material completo dos dois volumes do Almanaque “Tem

Cientista Aqui!” pode ser acessado no site da [Rede Conexões Amazônicas](#). Este material conta também com audiodescrição para ampliar a acessibilidade.

Eventos de divulgação científica, como as oficinas que realizamos no interior do estado do Amazonas, são uma oportunidade de aumentar o acesso ao conhecimento sobre ciência para o público escolar da região. Além disso, é uma contribuição para o aumento da representatividade da Amazônia em materiais educativos, fortalecendo o diálogo de cientistas com a sociedade.

Considero que as atividades de divulgação científica vão além de apresentar o que cientistas fazem, mas, também de aproximar os profissionais do mundo da ciência ao público em geral. É também de desafiar cientistas a contarem sobre sua pesquisa em diferentes formatos e espaços. O aumento da confiança da população em cientistas, e em instituições científicas, passa por quebrar a “redoma de vidro” que os cerca. Passa por uma comunicação simples, mas não simplista. Não é a única forma, mas é uma prática poderosa de aproximação entre cientistas e a sociedade, que é justamente quem paga com impostos por uma boa parte da formação destes profissionais e pelo financiamento de suas pesquisas. É também uma excelente oportunidade de desmitificar o(a) personagem cientista e, com mais sorte ainda, inspirar a formação de novos e novas cientistas, sobretudo nos interiores da Amazônia e em demais áreas do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ane; RODRIGUES, Lucas; CASTRO, Isabel. Amazônia em chamas: o que queima—e onde. **Nota Técnica, IPAM**, v. 5, p. 1-14, 2020.

CAVALCANTI, Erinaldo. A Amazônia representada nos livros didáticos de História: sobre História, narrativa e ensino. **História & Ensino**, v. 26, n. 2, p. 287-312, 2020.

CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. Percepção pública da C&T no Brasil - 2023. Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024. 30 p.

DARSKI, Bianca. Aves das várzeas amazônicas. **Blog Conexões Amazônicas**. 03 dez. 2020.

FREIRE, Neyson Pinheiro *et al.* A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4065-4068, 2021.



INCT-CPCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. **Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia**. Resumo executivo. Rio de Janeiro, RJ: INCT-CPCT, 2022. 29 p.

INCT-CPCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. **O que os jovens brasileiros pensam sobre ciência e tecnologia – Survey 2024**. Resumo executivo. Rio de Janeiro, RJ: INCT-CPCT, 2024. 40 p.

MORAES, Rodrigo Francalossi. **Ciência e pseudociência durante a pandemia de Covid-19: O papel dos "intermediários do conhecimento" nas políticas dos governos estaduais no Brasil**. Texto para Discussão. Brasília, Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2022. 68 p.

NASCIMENTO, Deisiane Avis; DIAS BASTOS, Sandra Nazaré. CURRÍCULO ESCOLAR E AMAZÔNIA (S): formas de ver e pensar o contexto amazônico. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 1, 2023.

OLIVEIRA, Alcione Brasileiro; CHAVES, Sônia Cristina Lima. A estratégia de resposta da Nova Zelândia à COVID-19: lições aprendidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 3573-3586, 2023.

PONTES, Paula Penedo. Protagonismo da Ciência marca os três anos da pandemia. **Inovação, Unicamp**. 10 mar. 2023.

ROWEDDER, Anaís Rebeca Prestes et al. Response of understory avifauna to annual flooding of Amazonian floodplain forests. **Forests**, v. 12, n. 8, p. 1004, 2021.

SILVA, Bianca Darski. **Padrão de distribuição de assembleias de aves nas florestas de várzea do rio Madeira**. 2014. *Dissertação (Mestrado em Zoologia)* - Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) dashboard**. Data, 2023.

AGRADECIMENTOS E APOIOS

A pesquisa científica sobre aves de várzeas foi possível graças ao projeto “Subsídios para o planejamento de áreas protegidas nas várzeas do Rio Madeira”, financiado pelo CNPq, o qual também financiou a minha bolsa de mestrado. Agradeço à Rede Conexões Amazônicas pela oportunidade de publicação do artigo de divulgação científica. A criação da história em quadrinhos e a realização das oficinas só foram possíveis pela parceria entre Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Rede Conexões Amazônicas, com apoio da FAPEAM, SEDECTI e Governo do Estado do Amazonas (edital nº004/2023 POP C,T&I, projeto Conexões Educativas no Médio Solimões, 2ª Edição). Agradeço a todas as pessoas que participaram da construção do Almanaque “Tem Cientista Aqui!” e da realização das oficinas.

COMO CITAR - ABNT

DARSKI-SILVA, Bianca. Tem Cientista no interior do Amazonas: Ciência na História em Quadrinhos. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 20, n. 34, e23021, jan./jul., 2023. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20x.n34.3744>

COMO CITAR - APA

Darski-Silva, B. (2023). Tem Cientista no interior do Amazonas: Ciência na História em Quadrinhos. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 20(34), e23021. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20.n34.3744>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 25 de março de 2023.

Aprovado: 24 de junho de 2023.

Publicado: 30 de julho de 2023.